

Na Cidade Nova ainda se pode viver bem

Apesar dos problemas, o bairro conserva a tranquilidade das cidades do interior

Estrategicamente situado sobre uma elevação na zona norte de Salvador, onde predomina a população de baixa renda, o bairro da Cidade Nova é um local aprazível, tranquilo e bucólico, que em quase tudo faz lembrar uma pequena cidade do interior. Sua principal via de acesso, a Ladeira do Ipiranga, é dividida em duas pistas por um canteiro que abriga frondosas árvores, uma visão que transporta os visitantes para algum lugar muito distante da capital. As casas da Cidade Nova ainda são cercadas por árvores frutíferas e os cachorros que circulam pelas ruas em bandos parecem pouco se importar com os perigos que a cidade grande representa para eles.

A Cidade Nova, localizada entre a Avenida Barros Reis e os bairros da Caixa D'Água, Pau Miúdo e Baixa de Quintas, acolhe com a mesma simplicidade figuras tão distintas quanto a vereadora Jane Vasconcelos, tida como uma das "cabeças" do quebra-quebra de ônibus em 1981, e o rei Momo Ferrerinha, "primeiro e único", que escolheram o bairro para morar. A Cidade Nova é bem servida de ônibus e pela sua localização pode-se ir de carro a qualquer ponto da cidade sem muitas dificuldades. Entretanto, quem não tem condução própria e deseja ir para os bairros da

Orla são obrigados a pegar duas conduções.

A zona central do bairro, compreendida pela Ladeira do Ipiranga, a praça Caldas Barbosa e o fim de linha, é onde a urbanização se faz mais presente. Nessa área, dificilmente falta água, foram instalados os únicos dois "orelhões" do bairro e está concentrado o incipiente comércio. Nas ruas e vielas, becos e ladeiras que cercam a parte central do bairro, no entanto, o quadro é completamente diverso. Ai então podem ser observados todos os problemas que atingem as localidades e as populações periféricas de Salvador.

DOENÇAS

Esgotos superficiais são uma constante ameaça à saúde dos moradores dessas ruas. Entre a Cidade Nova e o Pau Miúdo, em uma baixada que separa as duas ladeiras da Rua 25 de Dezembro, um enorme monte de lixo contracenava uma tragédia com uma poça de água acumula pelas chuvas. Os moradores já acostumaram a conviver com o mau cheiro que se desprende do lixo e não se constroem em, diariamente, acrescentar novas quantidades de detritos na área. Esse local, a baixada, só é asseada uma vez por ano, na época em que é organizada a festa de Santo Antônio, em

junho, quando tudo se transforma em festa.

A rua da Cascata, que se debruça sobre a Baixada do Boiadeiro (um local habitado por pessoas de renda baixíssima e que alaga sempre durante as chuvas), é uma rua singular. Apesar do nome, não tem nenhuma cascata, cachocira, queda d'água ou qualquer coisa parecida. É pura "cascata". Porém, possui um esgoto a céu aberto que já se transformou, literalmente, em dor de cabeça para quem mora nela e já gerou protestos e abaixo-assinados, os quais até o momento permanecem sem respostas da Prefeitura.

A dor de cabeça, contudo, não significa muito para os moradores frente a outro bem mais grave problema de saúde pública. Na rua da Cascata foram registrados nos últimos meses nada menos que quatro casos de tuberculose entre as pessoas que residem no local. A socióloga e jornalista Maria Palácios, moradora nova do bairro, revela que os casos de tuberculose detectados na rua da Cascata são atribuídos ao esgoto "estourado" que corre a céu aberto. Ela reclama que os únicos dois telefones públicos do bairro não são suficientes para atender aos moradores, quase todos de pequeno poder aquisitivo e que não possuem telefone em casa.

MORADORES LEMBRAM O TEMPO DOS VELHOS BONDES

Recordações de um caixeiro viajante

Ex-caixeiro viajante, o comerciante aposentado Renato Cabral, de 72 anos, é um dos moradores mais antigos da Cidade Nova. Ele conta que ao chegar no bairro, há 40 anos, era tudo muito diferente daquilo que se vê hoje e até o transporte era feito através dos bondes que andavam sobre trilhos pela então sossegada Salvador da década de 40. Era um sufoco ir e vir entre a casa e o trabalho, como atesta "seu" Cabral. "O bonde só vinha até a Baixa de Quintas e a gente tinha de subir e descer a ladeira", diz ele.

Naquele tempo, de acordo com Renato Cabral, havia calçamento apenas na rua central do bairro e todas as outras eram de puro barro. Outra moradora da Cidade Nova, a dona-de-casa Maria José de Oliveira Pires, de 68 anos, lastimou que tenha acabado a tradição de se queimar o "Judás" no Sábado de Aleluia, no largo da Praça Caldas Barbosa. Ela conta que era uma festa muito bonita e que reunia grande parte das pessoas que ali residiam. Hoje, não tem mais nada disso. Até o bloco carnavalesco Chuks, que saía da Rua 24 de Junho

direto para o chão da praça, agora apenas guarda os instrumentos e materiais no local.

D. Maria de Oliveira acha, no entanto, que pouca coisa mudou nos 14 anos em que mora na Cidade Nova. Até a conservação das árvores da Ladeira Ipiranga é feita ainda de maneira precária, pelo que ela informou. A prefeitura só poda as árvores, de acordo com a dona-de-casa, quando os galhos já estão esbarrando nos fios da rede elétrica e levando o perigo de acidentes para os moradores.